

Ana Luísa Amaral, poemas

All translations by Margaret Jull Costa

MÚSICAS

Desculpo-me dos outros com o sono da minha filha.
E deito-me a seu lado,
a cabeça em partilha de almofada.

Os sons dos outros lá fora em sinfonia
são violinos agudos bem tocados.
Eu é que me desfaço dos sons deles
e me trabalho noutros sons.

Bartók em relação ao resto.

A minha filha adormecida.
Subitamente sonho-a não em desencontro como eu
das coisas e dos sons, orgulhoso
e dorido Bartók.

Mas nunca como eles,
bem tocada
por violinos certos

Tunes

I make my excuses, saying my daughter needs to sleep
and I lie down beside her,
my head sharing her pillow.

Outside, the voices, in symphony, are
shrill violins, neatly played.
I detach myself from their sounds
and struggle to hear something different.

Bartók to the others.

My daughter sleeps.
A sudden hope: let her not be, like me, in dissonance
with other things and other sounds,
a proud,
sad Bartók.

Nor like them,
a neatly played
and well-tuned violin.

TESTAMENTO

Vou partir de avião
e o medo das alturas misturado comigo
faz-me tomar calmantes
e ter sonhos confusos

Se eu morrer
quero que a minha filha não se esqueça de mim
que alguém lhe cante mesmo com voz desafinada
e que lhe ofereçam fantasia
mais que um horário certo
ou uma cama bem feita

Dêem-lhe amor e ver
dentro das coisas
sonhar com sóis azuis e céus brilhantes
em vez de lhe ensinarem contas de somar
e a descascar batatas

Preparem a minha filha
para a vida
se eu morrer de avião
e ficar despegada do meu corpo
e for átomo livre lá no céu

Que se lembre de mim
a minha filha
e mais tarde que diga à sua filha
que eu voei lá no céu
e fui contentamento deslumbrado
ao ver na sua casa as contas de somar erradas
e as batatas no saco esquecidas
e íntegras

Testament

I'm about to fly off somewhere
and my fear of heights plus myself
finds me resorting to tranquillisers
and having confused dreams

If I should die
I want my daughter always to remember me
for someone to sing to her even if they can't hold a tune
to offer her pure dreams
rather than a fixed timetable
or a well-made bed

To give her love and the ability
to look inside things
to dream of blue suns and brilliant skies
instead of teaching her how to add up
and how to peel potatoes

To prepare my daughter

for life
if I should die on a plane
and be separated from my body
and become a free-floating atom in the sky

Let my daughter
remember me
and later on say to her own daughter
that I flew off into the sky
and was all dazzle and contentment
to see that in her house none of the sums added up
and the potatoes were still in their sack forgotten
entire

METAMORFOSES

Faça-se luz
neste mundo profano
que é o meu gabinete
de trabalho:
uma despensa.

As outras dividiam-se
por sótãos,
eu movo-me em despensa
com presunto e arroz,
livros e detergentes.

Que a luz penetre
no meu sótão
mental
do espaço curto

E as folhas de papel
que embalo docemente
transformem o presunto
em carruagem!

Metamorphoses

Let there be light
in this profane world
which is my place
of work:
a pantry.

Other women were once
shut up in attics,
but I bustle around in the pantry,
at home with the ham and the rice
the detergents and the books.

May the light enter
my narrow
mental
attic

And may these sheets of paper
I so gently cradle
change the ham
into a royal coach!

TERRA DE NINGUÉM

Digo: espaço
ou uma receita qualquer
que seja em vez

Um espaço a sério
ou terra de ninguém
que não me chega
o conquistado à custa
de silêncios, armários
e cebolas perturbantes

A sínopes de mim
construí um reduto mas não
chega: nele definham
borboletas e sonhos
e as mesmas cebolas em vício
se repetem

Digo espaço
ou receita qualquer
em vez de mim

No man's land

I need space
or some recipe
to take its place

A proper space
a no man's land
because it's simply not big enough
the space conquered at the expense
of silences, wardrobes
and upsetting onions

My syncopated self
built a stronghold but
it's not enough: everything fades
butterflies and dreams
and even the onions viciously
repeat themselves

I need space
or some recipe
to take my place

UM POUCO SÓ DE GOYA: CARTA A MINHA FILHA:

Lembras-te de dizer que a vida era uma fila?
Eras pequena e o cabelo mais claro,
mas os olhos iguais. Na metáfora dada
pela infância, perguntavas do espanto
da morte e do nascer, e de quem se seguia
e porque se seguia, ou da total ausência
de razão nessa cadeia em sonho de novelo.

Hoje, nesta noite tão quente rompendo-se
de junho, o teu cabelo claro mais escuro,
queria contar-te que a vida é também isso:
uma fila no espaço, uma fila no tempo,
e que o teu tempo ao meu se seguirá.

Num estilo que gostava, esse de um homem
que um dia lembrou Goya numa carta a seus
filhos, queria dizer-te que a vida é também
isto: uma espingarda às vezes carregada
(como dizia uma mulher sozinha, mas grande
de jardim). Mostrar-te leite-creme, deixar-te
testamentos, falar-te de tigelas — é sempre
olhar-te amor. Mas é também desordenar-te à
vida, entrincheirar-te, e a mim, em fila descontínua
de mentiras, em carinho de verso.

E o que queria dizer-te é dos nexos da vida,
de quem a habita para além do ar.
E que o respeito inteiro e infinito
não precisa de vir depois do amor.
Nem antes. Que as filas só são úteis
como formas de olhar, maneiras de ordenar

o nosso espanto, mas que é possível pontos
paralelos, espelhos e não janelas.
E que tudo está bem e é bom: fila ou
novelo, duas cabeças tais num corpo só,
ou um dragão sem fogo, ou unicórnio
ameaçando chamas muito vivas.
Como o cabelo claro que tinhas nessa altura
se transformou castanho, ainda claro,
e a metáfora feita pela infância
se revelou tão boa no poema. Se revela
tão útil para falar da vida, essa que,
sem tigelas, intactas ou partidas, continua
a ser boa, mesmo que em dissonância de novelo.

Não sei que te dirão num futuro mais perto,
se quem assim habita os espaços das vidas
tem olhos de gigante ou chifres monstruosos.
Porque te amo, queria-te um antídoto
igual a elixir, que te fizesse grande
de repente, voando, como fada, sobre a fila.
Mas por te amar, não posso fazer isso,
e nesta noite quente a rasgar junho,
quero dizer-te da fila e do novelo

e das formas de amar todas diversas,
mas feitas de pequenos sons de espanto,
se o justo e o humano aí se abraçam.

A vida, minha filha, pode ser
de metáfora outra: uma língua de fogo;
uma camisa branca da cor do pesadelo.
Mas também esse bolbo que me deste,
e que agora floriu, passado um ano.
Porque houve terra, alguma água leve,
e uma varanda a libertar-lhe os passos.

Just a little bit of Goya: Letter to my daughter

Do you remember saying that life was a line?
You were only little then and your hair was fairer,
same eyes, though. In that metaphor given
by childhood, you were asking out of your astonishment
about death and birth, and about who came next
and why, or the total absence
of any logic in that chain-skein of wool.

Today, on this hot hot night welling up out of
June, your fair hair darker now,
I wanted to tell you that life is also that:
a line in space, a line in time,
and that your time will continue after mine is over.

In a style I liked, that of a man
who, one day, mentioned Goya in a letter to his
children, I wanted to tell you that life is also
this: a gun that is sometimes loaded
(to quote a very solitary woman, but lush
as a garden). Showing you how to make crême brûlée, leaving you
a last will and testament, talking to you about bowls – is my way
of looking at you, my dear. But it's also messing up
your life, entrenching both you and me in a broken line
of lies, of affectionate verses.

And what I wanted to talk about are the connections life makes,
about the people who inhabit life beyond the air.
And how total, infinite respect
does not necessarily come after love.
Or before. That lines are only useful
as ways of seeing, ways of giving an order

to our astonishment, that there are possible parallel
points, mirrors, not windows.
And that all this is fine and good: line or
skein, two heads on the same body,
or a dragon without flames, or a unicorn
threatening to breathe fire on us.
Just as the fair hair you had then
has turned brown, light brown,
and just as the metaphor made by childhood
has turned out to work so well in this poem.
To prove so useful when talking about life, one that,

with or without bowls, intact or broken, continues
to be good, even when it gets tangled up in the skein.

I don't know what others will tell you in a not-too-distant future,
if those who inhabit the spaces in between lives
have giant's eyes or monstrous horns.
Because I love you, I would like to give you an antidote
like an elixir, that would make you suddenly
grow up and fly, like a fairy, along that line.
But because I love you, I can't,
and on this hot night tearing at the edges of June,
I want to talk to you about the line and the skein
and all the many forms of love,
all made up of quiet cries of astonishment,
if all that is fair and human does there embrace.

Life, my daughter, can be
a quite different metaphor: a tongue of fire;
a white shirt the colour of nightmares.
But it is also the bulb you gave me
and which, a year later, has just flowered.
Because there was soil, a little light rain,
and a balcony to set it walking.

LUGARES COMUNS

Entrei em Londres
num café manhoso (não é só entre nós
que há cafés manhosos, os ingleses também
e eles até tiveram mais coisas, agora
é só a Escócia e um pouco da Irlanda e aquelas
ilhotazitas, mas adiante)

Entrei em Londres
num café manhoso, pior ainda que um nosso bar
de praia (isto é só para quem não sabe
fazer uma pequena ideia do que eles por lá têm), era
mesmo muito manhoso,
não é que fosse mal intencionado, era manhoso
na nossa gíria, muito cheio de tapumes e de cozinha
suja. Muito rasca.

Claro que os meus preconceitos todos
de mulher me vieram ao de cima, porque o café
só tinha homens a comer bacon e ovos e tomate
(se fosse em Portugal era sandes de queijo),
mas pensei: Estou em Londres, estou
sozinha, quero lá saber dos homens, os ingleses
até nem se metem como os nossos,
e por aí fora...

E lá entrei no café manhoso, de árvore
de plástico ao canto.
Foi só depois de entrar que vi uma mulher
sentada a ler uma coisa qualquer. E senti-me
mais forte, não sei porquê mas senti-me mais forte.
Era uma tribo de vinte e três homens e ela sozinha e
depois eu

Lá pedi o café, que não era nada mau
para café manhoso como aquele e o homem
que me serviu disse: There you are, love.
Apeteceu-me responder: I'm not your bloody love ou
Go to hell ou qualquer coisa assim, mas depois
pensei: Já lhes está tão entranhado
nas culturas e a intenção não era má e também
vou-me embora daqui a pouco, tenho avião
quero lá saber

E paguei o café, que não era nada mau,
e fiquei um bocado assim a olhar à minha volta
a ver a tribo toda a comer ovos e presunto
e depois vi as horas e pensei que o táxi
estava a chegar e eu tinha que sair.
E quando me ia levantar, a mulher sorriu
como quem diz: That's it

e olhou assim à sua volta para o presunto
e os ovos e os homens todos a comer
e eu senti-me mais forte, não sei porquê,
mas senti-me mais forte

e pensei que afinal não interessa Londres ou nós,
que em toda a parte
as mesmas coisas são

Common places

In London I went
into a greasy spoon (it's not only us
who have greasy spoons, the English too
and they once had other things too, now
it's just Scotland and a little bit of Ireland and those
little tiny islands, but anyway)

In London I went
into a greasy spoon, worse even than that one of our
beach bars (I say this for those who cannot even
imagine the things they have there), it was
a proper greasy spoon,
not that it was a spoon, of course, but it was greasy
in the sense that it was full of clutter and greasy
food. Really low class.

Of course, all my female prejudices
came to the fore, because the café
was full of men eating eggs and bacon and tomatoes
(in Portugal it would be cheese sandwiches),
but I thought: I'm in London, I'm
alone, what do I care about men, Englishmen
don't bother you the way Portuguese men do,
and so on...

I went into the greasy spoon, with a plastic
tree in one corner.
It was only then that I saw a woman
sitting and reading. And I felt
stronger, I don't know why, but I did.
There was a tribe of twenty-three men and her alone
and then me.

I ordered a coffee, which wasn't at all bad
for a greasy spoon like that and the man
who served me said: There you are, love.
I felt like saying: I'm not your bloody love or
Go to hell or something like that, but then
I thought: It's so deep
in their culture and he meant no harm and, besides,
I'll be leaving soon, I have a plane to catch,
what do I care

And I paid for my coffee, which wasn't at all bad,
and I sat for a while looking round
watching the tribe eating their eggs and bacon
and then I saw what time it was and thought the taxi
would be arriving any moment and I had to leave.
And when I got up, the woman smiled
as if she were saying: That's it

and she looked around at the bacon

and the eggs and the men all eating
and I felt stronger, I don't know why,
but I felt stronger

and I thought it doesn't matter if it's London or us,
that everywhere
you find the same

Nem tágides nem musas

Nem tágides nem musas:
só uma força que me vem de dentro,
de ponto de loucura, de poço
que me assusta,
seduzindo

Uma fonte de fios de água
finíssima
(raio de luar a mais
a secaria)

Nem rio nem lira
nem feminino grupo a transbordar:
só o que herdei em força não herdada,
em fonte onde o luar
não está

No nymphs or muses

No nymphs or muses:
only a force that comes from within,
a touch of madness, of the abyss
that frightens
and seduces

A fountain of thread-thin water
finer than fine
(a too-bright moonbeam
would dry them up)

No river no lyre
no female flood of nymphs:
only some inherent inherited force,
in a fountain where the moon
does not shine

Dizem haver amores para lá dos sentires contidos pelo tempo. Momentos perfeitos de toques de riso, pequenos sabores, ou, também muito pequenas, nuvens. Ainda, infinita, a tortura. Como poeira cósmica, as etimologias são coincidentes. E assim, é tão possível ter nas mãos o pesadelo como o paraíso. Tal é o peso da metamorfose.

Aldo Mathias (1939)

They say there are loves that go beyond feelings contained in time. Perfect moments tinged with laughter, tiny tastes to savour or, equally tiny, clouds. Or even - infinite -torment. Like cosmic dust, etymologies are coincidental. And you can as easily hold in your hands pain or paradise. That is the penalty we pay for metamorphosis.

Ecos

Em voz alta, ensaiei o teu nome:
a palavra partiu-se
nem eco ínfimo neste quarto
quase oco de mobília

Quase um tempo de vida a dormir
a teu lado e o desapego é isto:
um eco ausente,
uma ausência de nome
a repetir-se

Saber que nunca mais: reduzida
a um canto desta cama larga,
o calor sufocante

Em vez: o meu pé esquerdo
cruzado em lado esquerdo
nesta cama

O teu nome num chão
nem de saudades

Echos

I tried saying your name out loud:
the word broke in two
not even the faintest echo in this room
almost bare of furniture

Almost a lifetime spent sleeping
beside you and this is all that's left:
an absent echo, an absence of name
repeating itself

Knowing that never more: shrunk
into one corner of this wide bed,
the suffocating heat

Instead: my left foot
slides over to the left side
of the bed

Your name lies discarded on the floor,
quite empty now of longing

A VERDADE HISTÓRICA

A minha filha partiu uma tigela
na cozinha.
E eu que me apetecia escrever
sobre o evento,
tive que pôr de lado inspiração e lápis,
pegar numa vassoura e varrer
a cozinha.

A cozinha varrida de tigela
ficou diferente da cozinha
de tigela intacta:
local propício a escavação e estudo,
curto mapa arqueológico
num futuro remoto.

Uma tigela de louça branca
com flores,
restos de cereais tratados
em embalagem estanque
espalhados pelo chão.

Não eram grãos de trigo de Pompeia,
mas eram respeitosos cereais
de qualquer forma.
E a tigela, mesmo não sendo da dinastia Ming,
mas das Caldas,
daqui a cinco ou dez mil anos
devia ter estatuto admirativo.

Mas a hecatombe
deu-se.
E escorregada de pequeninas mãos,
ficou esquecida de famas e proveitos,
varrida de vassouras e memórias.

Por mísero e cruel balde de lixo
azul
em plástico moderno
(indestrutível)

The Historical Truth

My daughter broke a bowl
in the kitchen.
And when I fancied writing a poem
about the incident,
I had to put aside inspiration and pen,
pick up a broom and sweep
the kitchen floor.

The kitchen swept clean of the broken bowl
looked different from the kitchen
with the bowl intact:
a place ready to be excavated and studied
a brief archeological map

of a remote future.

A white china bowl
decorated with flowers,
the remnants of processed cereal
in watertight wrapping
scattered on the floor.

They weren't grains of wheat from Pompeii
but respectable cereals
nonetheless.
And the bowl, although not exactly Ming dynasty,
but made in Caldas da Rainha,
in five or ten thousand years
should find its own admiring audience.

But disaster
struck.
And having slipped from those small hands,
the bowl, achieving neither fame nor advantage,
was swept up by brooms and memories

Into a miserable cruel blue
bin
in modern
(indestructible)
plastic

DAS MAIS PURAS MEMÓRIAS: OU DE LUMES

Ontem à noite e antes de dormir,
a mais pura alegria

de um céu

no meio do sono a escorregar, solene
a emoção e a mais pura alegria
de um dia entre criança e quase grande

e era na aldeia,
acordar às seis e meia da manhã,
os olhos nas portadas de madeira, o som
que elas faziam ao abrir, as portadas
num quarto que não era o meu, o cheiro
ausente em nome

mas era um cheiro
entre o mais fresco e a luz
a começar era o calor do verão,
a mais pura alegria

um céu tão cor de sangue
que ainda hoje, ainda ontem antes de dormir,
as lágrimas me chegam como então, e de repente,
o sol como um incêndio largo
e o cheiro as cores

Mas era estar ali, de pé, e jovem,
e a morte era tão longe,
e não havia mortos nem o seu desfile,
só os vivos, os risos, o cheiro
a luz

era a vida, e o poder de escolher,
ou assim o parecia:

a cama e as cascatas frescas dos lençóis
macios como estrangeiros chegando a país novo,
ou as portadas abertas de madeira
e o incêndio do céu

Foi isto ontem à noite,
este esplendor no escuro e antes de dormir

.....

Hoje, os jornais nesta manhã sem sol
falam de coisas tão brutais
e tão acesas, como povos sem nome, sem luz
a amanhecer-lhes cor e tempos,
de mortos não por vidas que passaram,
mas por vidas cortadas a violência de ser
em cima desta terra sobre outros mortos
mal lembrados ou nem sequer lembrados

E eu penso onde ela está, onde ela cabe,
essa pura alegria recordada
que me tomou o corredor do sono,
se deitou a meu lado ontem à noite

tomada novamente tornada movimento,
mercadoria bela para cesta de vime muito belo,
como belo era o céu daquele dia

Onde cabe a alegria recordada
em frente do incêndio que vi ontem de noite?
onde as cores da alegria? o seu corte tão nítido
como se fosse alimentado a átomo
explodindo

como fazer de tempo? como fingir o tempo?

.....

E todavia os tempos coabitam
E o mesmo corredor dá-lhes espaço
e lume

About the purest memories: or about light

Last night, just before sleeping
the purest of joys

a sky

came slipping into my almost-sleep, a solemn
feeling the pure joy
of a day when I was half-child half-grown

in the village it was
waking at half past six in the morning,
eyes fixed on the wooden shutters, the sound
they made when opened, the shutters
of a room not mine, the smell
its name absent

but a smell
between cool and just-beginning
light it was the summer heat,
pure joy

a sky so blood red
that even today, even yesterday before sleeping
the tears come as they did then, and suddenly
the sun like a spreading fire
and the smell the colours

But it was being there, being so young
and death so far off,
when there were no dead no funeral processions,
only the living, the laughter, the smell
the light

it was life and being able to choose,
or so it seemed:

the bed and the cool cascades of sheets
soft as strangers arriving in a new land,
or the wooden shutters open
and the fire of the sky

This was last night,
this splendour in the dark, before sleeping

.....

Today, the newspapers on this sunless morning
speak of things so brutal
and so flagrant, like peoples without names, without light
to bring them dawn colours and times,
of dead people who did not pass through life
but had their lives cut short the violence of standing
on this earth on others who have died
scarce remembered or remembered not at all

And I wonder where it is, where it fits
the pure recollected joy
that met me on the corridor into sleep,
and lay down beside me last night

remade made motion,
beautiful merchandise to fill a very beautiful wicker basket,
as beautiful as the sky that day

Where does joy recollected fit
face to face with the fire I saw last night?
and where the colours of joy? its shape as clear
as if fed by some atom
exploding

And what of time? How make mock of time?

.....

And yet different times coexist
And the same corridor gives them space
and light.

MATAR É FÁCIL

Assassinei (tão fácil) com a unha
um pequeno mosquito
que aterrou sem licença e sem brevet
na folha de papel

Era em tom invisível,
asa sem consistência de visão
e fez, morto na folha, um rasto
em quase nada

Mas era um rasto
em resto de magia, pretexto
de poema, e ardendo a sua linfa
por um tempo menor
que o meu tempo de vida,
não deixava de ser
um tempo vivo

Abatido sem lança, nem punhal,
nem substância mortal
(um digno cianeto ou estricnina),
morreu, vítima de unha,
e regressou ao pó:
uma curta farinha triturada

Mas há-de sustentar,
tal como os seus parentes,
qualquer coisa concreta,
será, daqui a menos de anos cem,
de uma substância igual

à que alimenta tibia de poeta,
o rosto que se amou,
a pasta do papel onde aqui estou,
o mais mínimo ponto imperturbável
de cauda de cometa –

Killing is easy

With my nail I murdered (so easy)
a small mosquito
that landed without permission and without a licence
on this piece of paper

Dressed to be invisible,
its wings too insubstantial to be seen
and once dead on the paper, a trace
of almost nothing

But a trace
with a trick of magic, a pretext
for a poem, and though its lymph burned
for less time
than my life-time,
it was still
a time lived

Laid low by no spear, no dagger,
no mortal poison
(a dignified dose of cyanide or strychnine)
it died, the victim of a fingernail,
and returned to dust:
a brief floury powder

But it must contain,
like all its relatives,
something concrete,
in less than a hundred years, it will be
the same substance

as feeds a poet's tibia,
a face once loved,
this piece of paper pulp on the desk before me,
the tiniest most imperturbable point
on a comet's tail –

SILOGISMOS

A minha filha perguntou-me
o que era para a vida inteira
e eu disse-lhe que era para sempre.

Naturalmente, menti,
mas também os conceitos de infinito
são diferentes: é que ela perguntou depois
o que era para sempre
e eu não podia falar-lhe em universos
paralelos, em conjunções e disjunções
de espaço e tempo,
nem sequer em morte.

A vida inteira é até morrer,
mas eu sabia ser inevitável a questão
seguinte: o que é morrer?

Por isso respondi que para sempre
era assim largo, abri muito os braços,
distráí-a com o jogo que ficara a meio.

(No fim do jogo todo,
disse-me que amanhã
queria estar comigo para a vida inteira)

Syllogisms

My daughter asked me
what it meant to say all my life
and I told her it meant for ever.

Naturally, I was lying,
but people's concepts of the infinite
differ: and then she asked me
what for ever meant
and I couldn't talk to her about parallel
universes, about conjunctions and disjunctions
in time and space,
and certainly not about death.

All your life lasts until you die,
but I knew what her next question
would inevitably be: what does dying mean?

That's why I told her that for ever
was this long, and I opened wide my arms,
then distracted her with the game we had not yet finished.

(When the game was over,
she said that tomorrow
she wanted to be with me all her life)